TL2099

100 cartas para o Presidente da Indonésia

Entre 12 de Novembro de 1994 e até ao próximo 19 de Fevereiro, o Presidente Suharto receberá 100 cartas, escritas por personalidades representativas de diferentes sectores da sociedade portuguesa, alertando para as violações dos Direitos Humanos na Indonésia e em Timor-Leste.
No último numero do nosso boletim iniciamos a publicação de extractos de algumas dessas cartas, a que se seguem as subscritas por um Juiz Conselheiro, um membro de um conselho directivo de uma escola, um religioso, um sindicalista, um autarca, um professor universitário, um antigo Presidente da República e um dirigente da secção portuguesa da AI:

"...Como português, como homem, não posso deixar de apelar para Vossa Excelência no sentido de fazer um esforço sério, credível aos olhos do mundo, para que o povo mártir de Timor-Leste, seja respeitado na pessoa e individualidade de cada cidadão que o compõe, bem como de povo com entidade e personalidade muito próprias.(...)
Poeticamente, direi: Ouça comigo o grito das populações oprimidas de Timor-Leste, e juntos, abafemos esse grito - não com a arma do ódio, mas com Amor, que na minha língua rima com Flor...Porque há-de voltar a ser um jardim o território de Timor-Leste, e não há-de ser V. Excelência o obreiro desse jardim?"
Francisco José Galrão de Sousa Chichorro Rodrigues, Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça.

"... Senhor Presidente Suharto, junte-se à Comunidade Internacional! Prestigie a história da Indonésia e a história mundial! Faça respeitar os Direitos Humanos !!! Ninguém muda o mundo sózinho, mas ele vai-se mudando com o concurso de todos os homens, e com o especial concurso dos políticos! Não vale a sua vida mais do que a vida do mais humilde indonésio ou timorense, ainda que, em termos políticos, religiosos ou culturais, ele pense diferentemente do senhor. Mas o senhor, porque é o Presidente, deve ser o primeiro no exemplo do respeito!"(...)
Domingos Santos, Presidente do Conselho Directivo da Escola Secundária Sebastião e Silva, Oeiras.

"Sou o Bispo católico da Diocese de Setúbal, em Portugal.
Sempre tenho lutado , como é meu dever e missão, pela defesa e promoção dos Direitos Humanos no meu país e no mundo. (...)
O povo de Timor é um caso típico de um povo amordaçado, torturado, perseguido pela Indonésia, na pessoa de V. Excelência.(...)
Permito-me rogar a V. Excelência que não queira passa à História como um tirano. Ainda está a tempo. Um poeta da minha cidade (Bocage), clamava: 'Saiba morrer quem viver não soube'. "(...)
D. Manuel da Silva Martins, Bispo de Setúbal.

"... Continuaremos a apoiar por todos os meios ao nosso alcance os trabalhadores e o povo timorense, que no interior e no exterior lutam pela sua liberdade, exigindo o cumprimento das resoluções da ONU e lutando para pôr fim ao genocídio e opressão do regime indonésio.
Registamos que, apesar das negociações em curso, a violência não parou em Timor-Leste. Acontecimentos recentes confirmam um novo agravamento da situação, com novas manifestações de intolerância e de violência do ocupante indonésio em relação a sentimentos religiosos e à identidade cultural do povo maubere.
Senhor Presidente,
Liberte incondicionalmente todos os presos políticos em Timor-Leste e permita o acesso regular e sem restrições a organizações de Direitos Humanos!"(...)
Manuel Carvalho da Silva, Coordenador da CGTP-IN

"... Hoje que o Presidente Suharto se encontra prestes a terminar a sua carreira e a sua vida, olhe à sua volta — veja como partindo de mentiras, como tendo pretendido excluir da realidade a parte da vida que nunca foi capaz de suportar, a sua obra se multiplica em sérios problemas nas múltiplas ilhas desse arquipélago - de Sumatra, de Irian Jaya, do Bornéu, das Celebes, de Java e também de Timor.
As manifestações de recusa da tirania exercida pela sua "Nova Ordem" e a impulsão regional com enorme força cultural, religiosa e política, surgem decerto crescentemente e por toda a parte.(...)
E, Senhor Presidente Suharto, ao terminar o seu tempo e sua obra de caos e de terror, sabe que não conseguirá atingir nenhum dos seus objectivos. Sabe que o resultado final será apenas o corolário do que foi a opulência triste de uma vida mesquinha."
Daniel dos Reis Branco, Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

"... O Povo de Timor merece o reconhecimento das suas aspirações, do direito que tem de sonhar, de buscar a sua dignidade, de encontrar razão e sentido para a sua existência colectiva, de acordo com as suas tradições, o seu sentir, as suas crenças, tudo o que transforma o seu chão na sua pátria.(...)
Excelência, não há justiça sem liberdade, não há autoridade sem tolerância, não há paz sem dignidade. Por favor, não feche os olhos ao porvir, não queira escrever a história com letras de sangue, porque essas jamais se limparão da memória do mundo."
David Justino, Professor de Sociologia e Economia Históricas, Universidade Nova de Lisboa

"... A Indonésia é hoje um grande país, com peso significativo na comunidade islâmica mundial, no Movimento dos Não-Alinhados e noutras instâncias de influência. Cabe-lhe, por direito próprio, representar um papel de relevo na ordem internacional. Mas é facto que não poderá fazê-lo enquanto persistir em manter a sua presente posição em Timor, que atropela as leis da comunidade internacional."(...)
António Ramalho Eanes, General na Reserva, antigo Presidente da República

(...)" O povo de Timor-Leste ainda não conseguiu o direito de escolher o seu destino, e após o colonialismo português, viu a ocupação indonésia exterminar, em menos de vinte anos, cerca de um terço da sua população, mais de duzentas mil pessoas. e os mortícinios continuam a ser realizados, fria e deliberadamente, como o atesta o Relator Especial das Nações Unidas, o senegalês muçulmano, Senhor Bacre Wally N'Diaye.
Parece-me importante lembrar estes factos a alguém como o Senhor, que pretende questionar a própria noção da Universalidade dos direitos humanos, em nome de uma visão que chama "asiática" desses mesmos direitos. A Alguém para quem a comunidade internacional não deveria controlar os actos que os Estados se comprometeram perante ela a respeitar, porque supostamente isso constituiria um abuso e uma "ingerência" nos assuntos internos dos países e uma limitação aos sacrossantos direitos de soberania. A alguém para quem os custos do "Desenvolvimento " implicam a supressão de outros direitos considerados (por si) secundários. (...)
Também gostaria que nos esclarecesse que especificidades culturais justificam os homicídios políticos, a tortura, a discriminação, as prisões arbitrárias, os julgamentos injustos. se é em coerência com o proclamado respeito pelas diferenças culturais regionais que Aceh, Irian Jaya ou Timor-Leste têm sido javanizados e a sua cultura destruída. Se a repressão religiosa, de activistas de direitos humanos, de sindicalistas, camponeses ou opositores políticos, é parte do seu programa pela "Participação" e o "Desenvolvimento". se o aumento de poder da elite militar que controla o país se insere na implementação da sua visão "asiática" dos direitos humanos."
Victor Nogueira, Presidente da Secção Portuguesa da Amnistia Internacional.